Evento:XXX Jornada de Pesquisa

EJA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O USO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA PARA PROBLEMATIZAR OS IMPACTOS ANTRÓPICOS NO MEIO AMBIENTE[1]

Juliano Severo[2]; Maria Simone Vione Schwengber[3]

[1] Trabalho da disciplina Educação contemporânea e racionalidade.

[2] Bolsista CAPES; Estudante do curso de Pós-graduação em Educação nas Ciências.

[3] Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências.

INTRODUÇÃO

O ser humano, atrelado ao planeta que habita, no processo de dominação da matéria, ou da sua modificação, conforme desenvolve instrumentos, também cria outras esferas da vida: “a vida do espírito, a vida dos mitos, a vida das ideias, a vida da consciência” (Morin, 2010, p. 55). E nessa produção de outras dimensões, passa a depender das linguagens, das noções e das ideias, todas necessárias para alimentar as esferas que o próprio humano criou (Morin, 2010). Sendo assim há um duplo estatuto do ser humano, “Por um lado, depende totalmente da natureza biológica, física e cósmica. Por outro, depende totalmente da cultura, isto é, do universo da palavra, do mito, da ideia, da razão, da consciência” (Morin, 2010, p.55).

Nessa direção, a educação ambiental crítica é imprescindível, visto que objetiva promover ambientes educativos, em espaços formais e /ou informais, de mobilização e processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais. Tal articulação entre a educação e o ambiente, de forma crítica, é defendida pelo autor Tozoni-Reis (2007), como uma prática política intencional que necessita de sistematização pedagógica para formar sujeitos ambientalmente responsáveis e reflexivos.

Deste modo, ao considerar a complexidade da crise ambiental para a manutenção do planeta, a educação ambiental crítica não se restringe a um público, expressando a importância de trabalhar em todos os segmentos da sociedade. “Qualquer mudança ambiental exige o engajamento do elenco mais abrangente possível de pessoas – crianças, jovens e adultos de toda e qualquer faixa etária” (Ireland, 2007, p. 233). Portanto, escolhemos trabalhar com o público

da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o qual, na cidade onde foi desenvolvida a atividade, é formado principalmente de trabalhadores da indústria metalomecânica.

Nesse ponto, emerge a prática pedagógica desenvolvida para este trabalho, a qual tem por objetivo, estimular nos estudantes de EJA alguns questionamentos da relação do humano com o ambiente natural e antrópico, suscitando por meio da educação artística, sentimentos e emoções que podem ser ambíguas, como a alegria e a tristeza, a fim de problematizá-las. Trata-se, portanto, de saber: Como os estudantes da EJA reagem, partir de suas sensibilidades, aos ambientes naturais e urbanos?

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma intervenção didática com cinco alunos de uma turma de EJA em uma escola estadual do município de Panambi (Rio Grande do Sul). Adota-se a pesquisa participante como abordagem metodológica, destacada pelo envolvimento ativo dos alunos no processo investigativo. Segundo Gil (2002), essa abordagem: "caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas" (p. 55). Para analisar os dados coletados, optou-se pela análise qualitativa, seguindo a perspectiva de Minayo (2007), que descreve a pesquisa qualitativa como um método que: "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" (p. 21-22),

A sistemática da atividade inicia-se com uma breve apresentação e a organização do espaço em três estações, cada uma representando um dos sentidos humanos: tato, olfato e paladar. As estações foram dispostas de forma a permitir a rotação das estações, sem que os estudantes precisassem se mover. Cada uma delas foram equipadas com bandejas contendo alguns itens em comum, como 12 cores de tintas guaches e papel toalha, além da variedade de itens naturais e artificiais relacionados ao sentido correspondente. Por exemplo a estação do tato, que continha elementos como: tijolos, pedra brita, folhas e cascas de árvore.

Com os olhos vendados, os estudantes foram convidados a explorar o sentido da audição, ouvindo um áudio com sons da natureza. Enquanto ouviam, foram encorajados a expressar suas percepções por meio de desenhos livres em folhas brancas, utilizando as cores que sentissem ser as mais adequadas. Em seguida, os itens naturais de cada estação foram apresentados aos alunos, permitindo que explorassem e expressassem suas percepções

artísticas. Após a fase inicial com elementos naturais, registraram-se os desenhos. Reiniciou-se a experiência sonora, dessa vez com sons urbanos e de construção, e em seguida apresentou-se os itens artificiais de cada estação aos estudantes, permitindo novamente a exploração com as cores. Ao término da atividade, reservou-se um tempo para reflexões e debates sobre a atividade e seu significado, incentivando os estudantes a considerar os impactos da ação humana no meio natural e a refletir sobre maneiras de promover uma convivência mais harmoniosa com o ambiente ao seu redor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A metodologia escolhida, intenta utilizar dos pressupostos da educação ambiental crítica, para estimular nos estudantes um retorno ao passado, uma religação do humano com a vida terrestre. Morin (2010) relaciona a vida terrestre com uma árvore, na qual o ser humano é um último e desviante ramo, que está no interior da biosfera, ligando ecossistemas e disperso junto com ele por todo o globo. Assim, se a placenta da biosfera foi a Terra, a biosfera é a nossa placenta, ou melhor, a placenta de toda vida. Não existimos separados dela, "A vida, portanto, nascida da Terra, é solidária da Terra. A vida é solidária da vida" (Morin, 2010, p. 55). Essa "solidariedade ecológica", proposta pelo autor (2010), nos deixa ciente de que não somos únicos e nem conseguimos viver sem as outras formas de vida, o que pode nos ajudar a compreender nossa própria existência interligada às outras.

Nesse contexto, em que se amarram as facetas da Educação de Jovens e Adultos, a Educação Ambiental, as emoções humanas, a biologia e a educação artística, é onde apresenta-se a importância da transdisciplinaridade discutida por Morin (2010). O autor entende que a identidade humana, "ou seja, sua unidade/diversidade complexa, foi ocultada e traída, no cerne mesmo da era planetária, pelo desenvolvimento especializado/compartimentado das ciências" (Morin, 2010, p. 50). Essa segmentação e separação de conhecimentos contribuiu com que a biologia fosse incapaz de ver a cultura e os sentimentos que constroem o humano e a humanidade, bem como a psicologia incapaz de ver as bioquímicas e biofísicas das células que formam os tecidos humanos.

Portanto, a prática desenvolvida reforça a complexidade da vida. Com as falas de estudantes já citadas e outras que serão descritas é onde podemos observar que a

descompartimentalização e união dos diferentes saberes e das diferentes habilidades de cada indivíduo, formam redes de conexões que solidificam nossa participação na biosfera, nos deslocando da insularidade em que a realidade global por vezes nos coloca. Morin (2010, p. 63) afirma que: "A Terra não é a adição de um planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, em que a vida é uma emergência da história da terra, e o homem uma emergência da história da vida terrestre".

Na sequência do trabalho artístico, os desenhos realizados com os elementos naturais utilizaram várias cores, como o vermelho, laranja, verde, azul e amarelo. As cores utilizadas variavam de acordo com o elemento oferecido, ao alcançar-se um morango, em sua maioria a cor solicitada para pintar era o vermelho, já com a folha da árvore, era o verde. Contudo, o destaque ficava com o som utilizado, o qual era de pássaros cantando e árvores balançando, trazendo para a sala de aula um ambiente confortável e tranquilo, sentimentos observados pelos estudantes. Frases como: "me senti muito à vontade" e "saudades de ter tempo para aproveitar a natureza" destacam o sentimento. O seu contrário também foi falado, "quanto barulho" e "gritam muito alto".

Por conseguinte, chega-se ao momento do uso de elementos artificiais, o qual reflete, a partir das cores utilizadas, o contraste com o natural. Cuja as cores, foram em sua maioria, o preto e o cinza. Junto com as fortes cores que subjugam o colorido do desenho anterior, pode - se ouvir falas como "que dó de fazer isso" e "estou ficando confusa com tanto barulho". Quanto à primeira frase, esta, foi dita por um sujeito que estava gostando muito de fazer sua pintura, se sentindo incomodado de estragá-la com as outras cores. Esse sentimento suscitado, reflete o que se buscava com a atividade, sentir-se incomodado com o impacto negativo do humano no ambiente natural. Quanto à segunda frase, entende-se que foi dita por um dos estudantes, mas corroborada por outros, devido ao som utilizado, um som de construção e carros, deixando o ambiente caótico e inquietante. Por fim, no ato final da atividade, todos removeram suas vendas e compararam junto com os pesquisadores os desenhos construídos.

Todas as falas demonstram o quanto os estudantes sentiram-se desconfortáveis, ao ver as cores escuras sobrepujando seus desenhos anteriores. Assim a idealização da atividade, bem como sua realização, marca o que o objetivo se propunha, todos sentiram-se estimulados a

questionar suas ações. Contudo, os resultados não podem ser mensurados em números, pois, entende-se que os fazem questionar ao longo do tempo a realidade que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática em questão buscou respeitar todos os sujeitos presentes, entendendo, que o ato de fazê-los refletir sobre suas ações, não intenta culpá-los pelos impactos negativos que causamos no ambiente natural, mas sim refletirmos em conjunto, acerca de qual ambiente nos sentimos mais confortáveis, o natural ou o urbano. Assim, em suas falas e nas cores utilizadas, nota-se em sua maioria o desconforto causado pelos estímulos urbanos/industriais, bem como o seu contrário, o conforto ao se escutar uma ave cantando, uma árvore balançando. Esses sentimentos provocados podem resgatar nesses sujeitos o prazer em estar no ambiente natural, podendo acarretar no cuidado e manutenção da biosfera, atitudes que contribuem com a preservação da vida.

Palavras Chave: Solidariedade Ecológica. Humanidade. Biosfera.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite do trabalho para a EJA**: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

IRELAND, Timothy D. A vida no bosque no século XXI: educação ambiental e educação de jovens e adultos. In: **BRASIL**. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola, Brasília, 2007. p. 229-238.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In:* DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.); GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar; KERN, Ana. Brigite. **Terra Pátria**. Tradução de Maria de Fátima Colares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental**: natureza, razão e história. Campinas: Autores Associados, 2004.